



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

BRUNA EDUARDA DOS SANTOS BARROS

**ESTRATÉGIAS DE OUTREMIZAÇÃO EM *VASTO MAR DE SARGAÇOS*: UMA
LEITURA PÓS-COLONIAL**

GUARABIRA - PB

2022

BRUNA EDUARDA DOS SANTOS BARROS

**ESTRATÉGIAS DE OUTREMIZAÇÃO EM VASTO MAR DE SARGAÇOS: UMA
LEITURA PÓS-COLONIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura pós-colonial

Orientadora: Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

GUARABIRA - PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277e Barros, Bruna Eduarda dos Santos.
Estratégias de outremização em Vasto Mar de Sargaços
[manuscrito] : uma leitura pós-colonial / Bruna Eduarda dos
Santos Barros. - 2022.
16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida
Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Outremização. 2. Sujeito colonizado. 3. Estudos pós-
coloniais. I. Título

21. ed. CDD 869.665

BRUNA EDUARDA DOS SANTOS BARROS

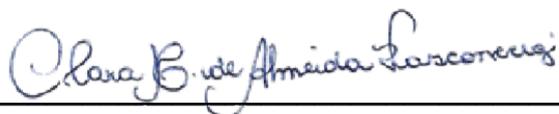
**ESTRATÉGIAS DE OUTREMIZAÇÃO EM VASTO MAR DE SARGAÇOS: UMA
LEITURA PÓS-COLONIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura pós-colonial

Aprovada em: 01/04/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael Francisco Braz (avaliador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JEAN RHYS: UMA LEITURA DE SUA TRAJETÓRIA	6
3 ESTUDOS PÓS-COLONIAIS	8
3.1 Colonização: uma breve reflexão	8
3.2 Estudos pós-coloniais: algumas notas	8
3.3 O exercício da releitura e da reescrita	9
4 ESTRATÉGIAS DE OUTREMIZAÇÃO EM VASTO MAR DE SARGAÇOS	10
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	14

ESTRATÉGIAS DE OUTREMIZAÇÃO EM VASTO MAR DE SARGAÇOS: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL

Bruna Eduarda dos Santos Barros¹

RESUMO

Pensar em literatura é compreender, conforme Antonio Candido apontou em *Direitos humanos e literatura* (1989), que esta possui uma função humanizadora. Para tanto, o campo da teoria e crítica pós-coloniais, bem como os estudos culturais, propiciam um ambiente profícuo para repensarmos as relações humanas, a exploração e a subjugação que diversas sociedades sofreram/sofrem por meio da colonização empreendida pelas potências capitalistas dos séculos XIX e XX. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar, por meio dos estudos críticos pós-coloniais, as estratégias de outremização da mulher enquanto sujeito colonizado no romance *Vasto mar de sargaços*; observando os meios empregados pelo colonizador para tornar o nativo o "outro". Para que nossos objetivos fossem alcançados, utilizamos a abordagem qualitativa. Consideramos pertinentes no romance questões relacionadas a objetificação do sujeito colonizado amparadas pelos pressupostos teóricos de Bonnici (2005, 2009, 2012), como também a teoria da outremização contempladas pela teoria pós-colonial, baseando-nos em Bhabha (1998) e Hall (2006). Desta maneira, apontamos como resultados que a outremização está intimamente ligada ao processo de objetificação, que reduz, portanto, o sujeito colonizado.

Palavras-chave: Outremização. Sujeito colonizado. Estudos pós-coloniais.

ABSTRACT

To think about literature is understanding, as Antonio Candido pointed out in *Direitos humanos e literatura* (1989), that it has a humanizing function. To this end, the field of post-colonial theory and criticism studies, as well as cultural studies, provide a fruitful environment for us to rethink human relations, the exploitation and subjugation that various societies have suffered through the colonization undertaken by the capitalist powers of the 19th and 20th centuries. Thus, the present research aims to analyze, through critical postcolonial studies, the strategies of the outremization of women as a colonized subject in the novel *Wide Sargasso Sea*; observing the means employed by the colonizer to make the native the "other". In order for our goals to be achieved, we used a qualitative approach. We considered relevant issues in the novel related to the objectification of the colonized subject supported by the theoretical assumptions of Bonnici (2005, 2009, 2012), as well as the theory of outremization contemplated by the postcolonial theory, based on Bhabha (1998) and Hall (2006). In this way, we point out as results that the outremization is closely linked to the objectification process, which reduces, therefore, the colonized subject.

Keywords: Outremization. Colonized subject. Post-colonial studies.

¹ Graduanda em Letras - Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: brunavitorbarros@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O romance de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847), é um clássico da literatura inglesa, considerado um texto literário canônico². A obra foi escrita em um momento histórico em que uma ordem moral rígida e restritiva era imposta às mulheres. A personagem principal de Brontë é descrita como uma mulher independente e de pensamento livre que questiona muitos dos limites impostos naquela época. Em contrapartida, há outra personagem feminina descrita como “a louca do sótão”, uma mulher caribenha que foi trancada no sótão pelo seu marido que a considera louca.

Sendo essa a visão da mulher caribenha representada na obra, Jean Rhys, leitora ávida das obras das irmãs Brontë, especialmente do romance *Jane Eyre*, sempre rejeitou a visão da personagem Bertha retratada como “a louca do sótão” – enquanto mulher, caribenha, nascida e criada em Dominica.

Dessa forma, Rhys escreve o romance *Vasto mar de sargaços* (1966) para tecer um enredo inteiramente novo, de forma que Bertha é a personagem principal do romance e tem sua história (re)construída. Desconstruindo, portanto, o lugar de isolamento, invisibilidade e silêncio impostos à ela no romance de Brontë. A obra foi escrita no período em que o discurso pós-colonialista surgiu mais precisamente no século XX e é uma das obras mais estudadas e aclamadas dentro do campo dos estudos pós-coloniais.

No romance de Brontë, Bertha é uma personagem subalterna que pouco aparece, e quando mostra-se é vista como um animal selvagem que “rastejava, de quatro, saltando e rosnando” (BRONTË, 2010, p. 214). A personagem não tem a oportunidade de contar sua própria história, então tudo o que sabemos sobre ela é contado por seu marido, Rochester, o qual ratifica que Bertha é louca pois vem de uma família “de loucos que produz maníacos e idiotas há três gerações” (BRONTË, 2010, p.213). Na leitura do romance de Brontë, a figura da imigrante bestializada e trancafiada no sótão pelo seu marido traz a atenção do leitor para esse lugar de opressão, submissão e silêncio causado pelo colonialismo europeu.

Em *Vasto mar de Sargaços*, Rhys procura dar vez e voz a essa mulher ignorada e mantida longe da sociedade. Neste romance, a personagem Bertha recebe um novo nome — Antoinette Cosway — uma história que nos conta seu contexto de vida e sua origem. Confidenciando, assim, aos leitores de *Jane Eyre* uma versão sobre a infância e o passado que resultou na “loucura” de Bertha Mason. Fatos esses que são omitidos na obra de Brontë.

Vasto mar de sargaços está situado em um contexto após a abolição da escravidão nas ilhas ocidentais e também pós-colonização. Período em que esse grupo minoritário buscava por seus direitos tais como o reconhecimento humano dentro de um sistema patriarcal. Principalmente as mulheres, que lutavam duplamente como subalternas por serem sujeitos colonizados e por seus direitos como mulheres, pois enquanto colonizados, eles já ocupam uma posição inferior quanto aos colonizadores, dessa forma, a situação torna-se ainda mais complexa quando se trata de colonizados enquanto mulher.

² É conhecido como um cânone literário, desta forma, todas as obras clássicas que fazem parte da alta cultura. Estas obras, quer devido às suas características formas, sua originalidade ou sua qualidade, conseguiram transcender tempos e fronteiras, resultando em universais e sempre válidas. Informação disponível em: <<https://conceito.de/canone-literario>> Acesso em: 23 de mar. de 2022.

Em *Jane Eyre*, Bertha Mason é um exemplo de mulher marginalizada no contexto patriarcal por ser primeiramente representada pelo pai e, após o casamento, pelo marido. Essa união da mulher caribenha com o homem europeu, simboliza a colonização europeia no Caribe, mais precisamente na Jamaica. A condição de Bertha/Antoinette é de uma mulher colonizada que tem sua identidade aniquilada gradativamente por seu colonizador.

Quando lemos *Jane Eyre* pouco sabemos sobre a personagem Bertha Mason, e as poucas informações sobre ela ou sua história de vida nos é contada pelo seu marido. Com isso, nos questionamos se realmente a sua loucura advém da sua mãe. Porém, ao lermos *Vasto mar de Sargaços*, temos a oportunidade de saber o seu lado da história, os problemas com qual ela cresceu e viveu, que resulta no seu comportamento como “a louca do sótão”. Por essa razão, este trabalho tem por objetivo a análise das estratégias de outremização do sujeito colonizado e a observação dos meios utilizados pelo colonizador que torna o nativo “outro” no romance *Vasto mar de sargaços* de Jean Rhys.

O interesse em analisar as estratégias de outremização da personagem Antoinette Cosway pelo viés da teoria pós-colonial surgiu após uma aula na disciplina Literatura e escritura feminina em língua inglesa. A partir disso, comecei a pesquisar sobre e ao consultar o site da CAPES³ é notório a escassez de pesquisas nesse âmbito. Dessa maneira, a presente pesquisa tem o intuito de agregar às poucas pesquisas nessa área, como também traz a oportunidade de uma nova leitura dentro da teoria e crítica pós-colonialistas.

Para tanto, o presente trabalho possui caráter bibliográfico e interpretativo, visando analisar as maneiras de outremização utilizadas pelo discurso dominante. Nesse contexto, será desenvolvida uma abordagem qualitativa que, de acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 32) se caracteriza como uma pesquisa que se preocupa em “produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” Sendo assim, o foco da pesquisa encontra-se na área de Literatura Pós-colonial e foi desenvolvida com base na análise da protagonista Antoinette Cosway do romance *Vasto mar de Sargaços*, escrito por Jean Rhys em 1966. Para tal, utilizamos textos teóricos referentes a estudos de crítica pós-colonialistas e questões relacionadas à outremização.

No mais, primeiramente foi feito uma leitura da trajetória da autora do romance. Em seguida, foi apresentado uma breve reflexão sobre a colonização para que fossem compreendidos seus aspectos, que são de fundamental importância para a análise. Logo após, foi explicitada a teoria da outremização para que fosse possível a investigação das estratégias utilizadas pelo colonizador. Decorrente as leituras do referencial teórico, foi feita a análise do romance, fazendo uma breve contextualização e buscando identificar as estratégias que foram utilizadas pelo colonizador para outremizar o sujeito colonizado.

2 JEAN RHYS: UMA LEITURA DE SUA TRAJETÓRIA

Muitas mulheres escritoras durante os séculos XVIII e XX utilizaram pseudônimos masculinos, ou omitiram a autoria para que suas obras fossem

³ Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>> Acesso em: 02 de abril de 2022.

publicadas de forma que não sofressem julgamentos. Assim como feito pelas irmãs Brontë, mas cada uma com a inicial de seus nomes. Alguns anos depois, Charlotte Brontë relatou o motivo pelo qual usaram pseudônimos:

Aveças à publicidade pessoal, cobrimos nossos verdadeiros nomes sob Curren, Ellis e Acton Bell; a escolha ambígua foi ditada por uma espécie de escrúpulo de consciência em assumir nomes cristãos positivamente masculinos, enquanto, por outro lado, não queríamos nos assumir como mulheres, pois – sem suspeitarmos, na época, que nosso jeito de escrever e pensar não era o que se costuma chamar de “feminino” – tínhamos uma vaga impressão de que as escritoras estavam sujeitas a olhares preconceituosos; havíamos notado o quanto os críticos costumavam castigá-las usando a arma da identidade sexual, ou recompensá-las com a bajulação, que não é um elogio verdadeiro (BRONTË, 2016, p. 08-09).

Dentre tantas autoras que adotaram o pseudônimo masculino, uma delas foi a escritora caribenha Jean Rhys (1918-1996), pseudônimo de Ella Gwendolen Rees Williams, que nasceu dia 24 de agosto de 1890, em Roseau, uma ilha caribenha na Dominica. Filha de pai médico galês e mãe crioula dominicana.

Jean Rhys tornou-se uma escritora conhecida após o sucesso da sua obra *Vasto Mar de Sargaços*, publicada quando a escritora já tinha setenta e seis anos. Por ser uma mulher caribenha, porém branca, a vida de Rhys foi profundamente marcada pelo sentimento de exílio causado por questões raciais. Com o romance *Vasto Mar de Sargaços*, Rhys ganhou alguns prêmios como o W.H. Smith, o prêmio *Heinemann* da Sociedade Real da literatura, como também o prêmio do Conselho de artes da Grã-Bretanha para escritores.

Segundo Savory (2009), Rhys lançou sua carreira como escritora em Paris com a publicação do seu conto “*Vienne*” em 1924, essa oportunidade se deu após seu contato com Ford Madox Ford, o organizador da revista literária *Transatlantic review*. Após isso, os anos seguintes Rhys se dedicou à escrita de seus romances entre eles *After Leaving Mr. Mackenzie* (1931), *Voyage in the Dark* (1934) e *Good Morning Midnight* (1939).

Ainda de acordo com Savory (2009), Jean Rhys era uma escritora bastante reservada, porém após ficar viúva, ela sumiu completamente e chegou até ser dada como morta. No entanto, em 1949, Selma Vaz Dias, uma atriz, pintora e também escritora da época, lança um anúncio com o pedido de autorização para que a adaptação para rádio de *Good Morning, Midnight* fosse ao ar, com isso Jean Rhys aparece em resposta à atriz.

A escritora ganhou muita atenção da mídia que a projetou como uma escritora que ressuscitou pelo fato de ter alcançado sucesso com o último romance lançado. Após essa repercussão, todos os seus romances publicados anteriormente ganharam novas edições. Mesmo com a idade avançada, Rhys continuou trabalhando em novas obras e depois de *Vasto Mar de Sargaços* (1966) ela publicou *Tigers Are Better-Looking* (1968), *My Day* (1975) *Sleep It Off Lady* (1976) e sua autobiografia não finalizada que foi publicada postumamente, *Smile Please* (1979).

Jean Rhys é hoje uma escritora canônica. Considerada a pioneira por sua influência na crítica e na história da literatura caribenha. Rhys, em sua obra, critica, de maneira sutil, as formas dominantes de poder. Suas obras são referências importantes dentro da tradição literária caribenha e seus escritos exploram temas e discussões a respeito de raça, etnia, gênero e sexualidade.

Segundo Savory (2009) muitos dos escritores caribenhos respeitam e admiram o trabalho de Rhys e a consideram uma influenciadora importante para a literatura caribenha. A obra de Jean Rhys, *Vasto Mar de Sargaços*, tem sido muito estudada e o número de trabalhos críticos e acadêmicos utilizando o romance vem crescendo cada vez mais com foco em vários temas como, feministas, pós-coloniais e modernista. Desta maneira, a autora ganha, cada vez mais, visibilidade na literatura caribenha. Porém, Jean Rhys nunca quis que alguma biografia fosse feita sobre ela, para resguardar sua imagem e da sua filha, com isso, ela escreve uma autobiografia intitulada *Smile Please* (1981) nos beneficiando com alguns dados valiosos sobre sua vida e trajetória na literatura.

3 ESTUDOS PÓS-COLONIAIS

3.1 Colonização: uma breve reflexão

Thomas Bonnici, pesquisador brasileiro, em seu texto *Teoria e Crítica Pós-colonialistas* (2009), discute sobre a colonização em que a Europa deu início à expansão colonial entre os séculos XV e XVI. Durante esse período foi iniciado um sistema capitalista de trocas econômicas que passaram a enxergar as colônias como fonte de sustentação para as metrópoles. As grandes potências mundiais de dominação como Estados Unidos, Inglaterra e França perceberam as colônias como fonte de matérias-primas e passaram a explorá-las para benefício político, econômico e cultural dessas grandes metrópoles.

O colonialismo, portanto, gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso centro cria a suas periferias, e essas grandes metrópoles, que são os centros econômicos, se consolidam como centro através do binarismo criado a partir da existência do outro colonizado que é tratado como marginalizado e bestial. Construindo, assim, a relação, segundo Bonnici (2009), de sujeito-objeto de forma que o sujeito/colonizador é retratado como civilizado e superior, já o objeto/colonizado é retratado como bestializado e inferior.

Para Homi Bhabha (1998), a colonização se dá a partir de um processo que é construído através de um discurso colonial específico com a função de delimitar uma nação-sujeito que se apropria de outra nação, tornando-a objeto. Em *Discurso sobre o colonialismo* (1978), de Aimé Césaire, o autor fala sobre o processo de colonização e descreve as práticas utilizadas para dominação dos povos e o impacto que a colonização teve na identidade cultural dos nativos que possuíam sua própria cultura e língua e foram forçados a substituir sua cultura nativa pela da metrópole.

A colonização, em especial nas ilhas caribenhas, surtiram um efeito devastador para a sociedade local destas ilhas. De acordo com Bonnici (2009) a cultura local foi dissipada para que prevalecesse a cultura e o idioma da nação dominante. Em *Pele negra, máscaras brancas* (2008, p. 34), o autor Frantz Fanon afirma que todo povo colonizado, "quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva." Dessa maneira, a colonização deixou marcas irreparáveis na cultura local.

3.2 Estudos pós-coloniais: algumas notas

Segundo Bill Ashcroft et al. (2004), autores do livro *The Empire Writes Back*, "nós utilizamos o termo 'pós-colonial' para designar toda cultura afetada pelo

processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais.”⁴. Dessa forma, entre os séculos XVIII e XX, a maioria das colônias se tornaram independentes e com isso começaram a surgir produções literárias advindas dos povos que experienciaram o processo de colonização, ressaltando as diferenças entre os pensamentos dos nativos e os pensamentos imperialistas.

Sendo assim, os estudos pós-coloniais começaram a surgir na década de 1970 com o objetivo de trazer à tona as circunstâncias a que os povos colonizados eram submetidos como inferiores e marginalizados. Buscam analisar relações de poder entre colonizador e colonizado que envolve questões econômicas e políticas entre metrópoles e colônias, como também discussões sobre raça, gênero e lugar.

Entretanto, estudiosos se debruçam sobre esse tema muito antes da década de 1970. A exemplo da obra do caribenho Aimé Césaire, *Discurso sobre colonialismo* (1978) e a obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008) do martinicano Frantz Fanon que fala sobre a colonização e a descolonização, tratando questões como preconceitos raciais e principalmente o racismo sofrido pelos negros da França. Sendo assim, muito antes alguns colonizados já questionavam os artifícios da colonização para o domínio daquele povo e a escrita era uma maneira deles denunciarem a situação de opressão e exploração que eram impostas pelos colonizadores.

Dessa maneira, o discurso pós-colonial surge, segundo Hall (2003, p. 112), como uma “outra narrativa alternativa, destacando conjunturas-chave àquelas incrustadas na narrativa clássica da modernidade”. Com isso, o discurso pós-colonial traz consigo a oportunidade de povos colonizados pensarem de uma maneira diferente da cultura colonizadora e expressarem, através dos textos literários escritos nesse contexto, as problemáticas advindas da colonização.

Como dito anteriormente, as literaturas desse período têm sua característica própria, pois surgem da experiência da colonização, de como ocorreu a ocupação dos indivíduos e das culturas. Essas obras buscavam resgatar a história e a voz do sujeito colonizado ao criar um contexto histórico que rompesse a imagem bestializada desses povos. Pois o sujeito colonizado sempre é retratado como o oposto, de forma negativa ao colonizador e sempre retratado “[...] como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial” (BONNICI, 2009, p. 265). Por outro lado, todo colonizador “[...] se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura” (BONNICI, 2009, p. 265).

3.3 O exercício da releitura e da reescrita

De acordo com Bonnici (2009, p. 269) uma das estratégias dos estudos pós-coloniais é a releitura, que consiste em “[...] ler textos literários ou não-literários e, dessa maneira, garimpar suas implicações imperialistas e trazer à tona o processo colonial.” Essa prática faz com que o leitor identifique e analise as marcas do processo colonial existentes na obra, como por exemplo a forma que o colonizado era oprimido e marginalizado.

A releitura proporciona uma reinterpretação, que é a maneira de reler textos das culturas da metrópole como também da colônia que, como aponta Bonnici (2009), são artifícios utilizados para identificar os processos opressores das

⁴ No original: “We use the term ‘post-colonial’, however, to cover all the culture affected by the imperial process from the moment of colonization to the present day.” (2004, p. 02)

metrópoles para com a colônia, tornando possível analisar a construção do poder colonial. Assim, são analisados textos da metrópole, escritos pelo colonizador, através da perspectiva pós-colonial, para então desconstruí-los. Dessa forma, a releitura desmascara o poder colonial presente em um texto canônico, deixando em evidência os artifícios de tentativa do apagamento da cultura nativa.

Ainda de acordo com Bonnici (2009, p. 271) outra estratégia utilizada pelos estudos pós-coloniais é a reescrita de textos canônicos da metrópole. Segundo o autor, o processo de reescrita “[...] consiste em selecionar um texto canônico da metrópole e, através de recursos da paródia, produzir uma nova obra escrita do ponto de vista da ex-colônia.” Dessa maneira, assim como a estratégia de releitura tem o objetivo de tornar conhecido o contexto em que povos colonizados eram marginalizados e oprimidos pelos colonizadores, a reescrita tem o objetivo de dar vez e voz a esse povo subalternizado que foram explorados e considerados selvagens e sem voz.

4 ESTRATÉGIAS DE OUTREMIZAÇÃO EM VASTO MAR DE SARGAÇOS

A outremização é um termo cunhado por Gayatri Spivak, e refere-se à distinção entre sujeito colonizado e colonizador, havendo, portanto, diferenças e diversidades entre ambos. Segundo Bonnici (2005, p. 54), a “*outremização* é o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o *outro*”. Com isso, o nativo construído como o outro é o excluído que surge a partir do discurso de poder criado pelo colonizador. Sendo assim, existem diversas maneiras de objetificar o nativo. De acordo com Spivak (*apud* BONNICI, 2005, p. 54) há três tipos de outremização, que são:

- (1) exploração física do território não europeu pela qual o Outro, representante do poder colonizador, produz o outro; (2) a denigração do nativo quando é chamado de preguiçoso, ameaçador, depravado, mentiroso, pérfido, bruto, selvagem etc.; (3) o hiato entre o europeu (“nós”) e o outro (“eles”).

A objetificação do sujeito colonizado é uma das características marcantes da colonização europeia. O colonizado se torna objeto à maneira que o europeu invade seu território, dominando-o e exercendo poder sobre aquele povo. Dessa maneira, o nativo que antes era livre e senhor de seu território se torna submisso e sofre opressão por parte do colonizador, tornando-se, assim, objeto. Dessa forma, a teoria da outremização evidencia as estratégias dos colonizadores para a construção do colonizado como outro, objeto e não mais sujeito. Os colonizadores, por se colocarem em um lugar de superioridade em relação aos nativos, construíram discursos depreciativos que transformaram o sujeito colonizado em ‘outro’. Nessa construção o colonizador se coloca na posição de ‘Outro’ com ‘O’ maiúsculo simbolizando, assim, a hegemonia da metrópole sobre a colônia.

Bonnici em *Conceitos-chave da teoria pós-colonial* (2005), explica que a diferenciação entre Outro/outro surge da filosofia existencial de Sartre e, posteriormente, da formação de sujeito de Freud e Lacan. A diferenciação entre Outro e outro, pelo viés da teoria pós-colonial, diz respeito à distinção entre colonizador e colonizado, metrópole e colônia, branco e negro etc. Sendo, portanto, o Outro o centro imperial, a metrópole, superior e o outro a colônia, subalternizado,

inferior. Essa objetificação é criada a partir da inferiorização que o Outro (colonizador) impõe ao outro (colonizado) por considerá-lo diferente, pois para que haja a superioridade do sujeito metropolitano é necessário a construção de um “outro” inferior.

Isso exposto, o colonizador caracteriza o nativo como selvagem e inferior para justificar a invasão e apropriação das terras e do povo nativo. Feitas tais considerações, observamos agora como se dá a outremização do colonizado e as estratégias usadas no romance *Vasto mar de Sargaços*.

No romance *Vasto mar de sargaços*, as estratégias utilizadas para a outremização de Antoinette se atém à caracterização de louca, selvagem e depravada sexualmente que lhe é atribuída. No decorrer do romance, especificamente após o casamento, Rochester assume a narrativa trazendo à tona a ideia do patriarcalismo que até então cala a voz da mulher que, antes do casamento, exercia o poder da narrativa.

O casamento de Antoinette e Rochester foi um acordo feito pelo irmão da noiva, Richard Mason, e o então noivo. Esta união beneficiaria ambos, pois o valor do dote de Antoinette era alto pelo fato que seu pai era um homem de vastas posses nas índias ocidentais. Porém, por ela ser crioula, não tinha lugar na sociedade inglesa e Rochester, por ser o segundo filho, não possuía herança. Tudo isso fica claro quando Rochester está pensando em escrever uma carta para o seu pai da seguinte forma:

Querido pai. As 30 mil libras me foram pagas sem discussão ou restrição. Não foi feita nenhuma provisão para ela (isso tem de ser providenciado). Agora eu tenho uma renda modesta. Nunca envergonharei o senhor nem o meu querido irmão, o filho que o senhor ama. Nem cartas suplicantes nem pedidos sórdidos. Nenhuma das manobras furtivas de um filho mais moço. Eu vendi a minha alma, ou o senhor a vendeu, e, afinal de contas, será que foi um mau negócio? A moça é considerada linda, ela é linda. E no entanto... (RHYS, 2012, p. 66)

Assim, a partir do casamento com Rochester, Antoinette passa a depender dele financeiramente, pois se trata do acordo feito pelo seu irmão Richard com a família de Rochester. Por mais que possa parecer que fora Antoinette quem o comprou com seu dote, na verdade, é ela quem se torna objeto de posse do marido após a cerimônia, deixando claro, por assim dizer, a relação de dependência da colônia para com a metrópole, de maneira que a metrópole controla e explora os bens da colônia.

Antoinette e sua mãe sempre foram descritas como mulheres muito bonitas, exóticas e sedutoras, o que faz parte do imaginário criado acerca das mulheres das colônias. Outro fato que reforça os estereótipos acerca da mulher colonial por meio da maneira como ela se entrega ao marido:

Eu a vi morrer muitas vezes. Do meu jeito, não do dela. No sol, na sombra, ao luar, à luz de velas. Nas longas tardes em que a casa ficava vazia. Apenas o sol nos fazia companhia. Nós o fechávamos lá fora. E por que não? Em pouco tempo ela estava tão ansiosa em fazer amor quanto eu, mais perdida e sufocada depois (RHYS, 2012, p. 89).

Tal comportamento não condiz com a figura de mulher ao qual seu marido preza - anjo do lar⁵. Por mais que Antoinette tenha descendência branca, ela jamais será inglesa. E por mais que tenha crescido e sido educada baseada na educação dos ingleses, ele não a enxerga como tal: “Ela pode ser crioula de pura descendência inglesa, mas eles não são ingleses nem europeus. E quando foi que eu comecei a notar tudo isso a respeito da minha esposa Antoinette?” (RHYS, 2012, p. 63). Pelo fato que seu marido foi criado com princípios da tradição inglesa vitoriana, esse comportamento de Antoinette, agrega a ela a imagem de uma mulher sem pudor e depravada sexualmente.

Como forma de outremização do sujeito colonial por meio do preconceito contra a sua presumida sexualidade aflorada, constrói-se, assim, o estereótipo de degenerado sexual. A criação de estereótipos sobre o sujeito colonial degrada o outro, relegando-o a uma condição inferior à do sujeito colonizador. Bonnici (2005, p. 47-48) nos conta que:

Referente à sexualidade, o oriental e o africano são retratados como fortemente regido pelos instintos, enquanto as mulheres são consideradas imorais e cortesãs sexualmente insaciáveis. Devido à nudez dos ameríndios, os europeus sempre consideravam os nativos como sexualmente depravados e perigosos, ou adeptos ao homossexualismo ou dispostos a violentar a mulher branca.

Ainda de acordo com Bonnici, há três principais estereótipos: a selvageria, a preguiça e a depravação sexual. Ao caracterizá-la como louca e depravada sexualmente, Rochester constrói um discurso sobre ela para justificar a forma como a trata. Este discurso de depreciação é um dos mais utilizados para outremizar o nativo. Essa atitude remetida à loucura e conseqüentemente à perversão sexual, está explícita na fala de Rochester: “(uma moça louca. Não vai fazer diferença para ela quem está amando). Ela vai gemer e se entregar como nenhuma mulher sã faria — ou poderia” (RHYS, 2012, p. 163).

Durante a lua de mel do casal, Rochester é surpreendido por cartas enviadas pelo meio-irmão de Antoinette. Nessas cartas ele conta ao então cunhado sobre o passado de Antoinette e da mãe dela, que era uma mulher considerada louca e que seu irmão mais novo era um deficiente mental. Dessa maneira, cria-se em torno de Antoinette e sua família o estereótipo de “degeneração” no sangue deles. Como dito em um trecho da carta “existe loucura nessa família” (RHYS, 2012, p. 92), também as pessoas que conheciam a família comentavam: “Quanto às duas crianças, o menino é um débil mental que é mantido escondido, e a menina, na minha opinião, está indo pelo mesmo caminho, tem uma expressão *ameaçadora*” (RHYS, 2012, p. 24) e “Olha a menina maluca, você é maluca igual a sua mãe” (RHYS, 2012, p. 44).

Sendo assim, após a descoberta sobre o histórico familiar de Antoinette, Rochester não aceita que tenha sido “enganado” pela família da sua esposa e também pela própria família, pois ele presumiu que seu pai sabia de tudo. Esse sentimento se torna maior ao passo que ele é ridicularizado pelos nativos, a exemplo de quando Amélie, empregada da casa, sempre o dizia que sentia pena dele pelo

⁵ O anjo do lar era a imagem ideal da mulher/esposa na Era vitoriana. Sendo assim, representa uma mulher submissa, passiva, pura, sem desejos e reprimida sexualmente pela sociedade patriarcal. (SOUZA; SOUZA, 2019)

seu casamento com Antoinette: “sentei na cama esperando, pois sabia que Amélie viria, e sabia que ela ia dizer: “Sinto pena do senhor” (RHYS, 2012, p. 137).

Dessa forma, o colonizador não aceita ser rebaixado, então ele se sente totalmente traído e enganado por não saber do histórico de doenças da família da sua esposa. Com isso, ele não consegue conviver com ela e nem a apresentar ao mundo como sua esposa. Assim, para vingar-se dessa situação que foi imposta a ele, sua alternativa, e também como estratégia para marginalizá-la, é degenerar sua saúde mental para que possa justificar a privação da liberdade de sua esposa ao mundo. Christophine, a ama de Antoinette já imaginava que Rochester poderia usar desses artifícios para invalidar a esposa, isso fica explícito em uma conversa de Christophine e Rochester: “O senhor acha que pode me enganar? O senhor quer o dinheiro dela mas não a quer. O senhor está pensando em fingir que ela está louca. Eu sei disso. Os médicos vão dizer o que o senhor mandar” (RHYS, 2012, p. 158)

A forma com que o marido de Antoinette tenta erradicá-la a partir da loucura existente na família é uma das suas estratégias de outremização. A princípio, a medida que Rochester vai percebendo que sua esposa não tem atitudes de uma mulher inglesa, ele tenta moldá-la sob sua ótica civilizatória. Tal fato pode ser observado quando ele a (re)nomeia de Bertha, porém Antoinette tenta resistir a essa tentativa de apagamento e o questiona: “meu nome não é Bertha; por que você me chama de Bertha?” (RHYS, 2012, p. 132) e ele lhe responde “porque é um nome que eu gosto muito. Eu penso em você como Bertha” (RHYS, 2012, p. 132); e ela reafirma: “meu nome não é Bertha. Você está tentando transformar-me em outra pessoa, chamando-me por outro nome. Eu sei, isso também é *obeah*” (RHYS, 2012, p. 145). Assim como Christophine usava *obeah* para controlar o outro, ele também o fazia, porém utilizava de outros artifícios, tais como o discurso.

Consoante a isso, igualmente durante a colonização em que o colonizador ao chegar na terra do nativo a renomeia, objetifica e apaga sua história, Rochester faz o mesmo com Antoinette rebatizando-a e aos poucos apagando sua história, com isso ela reflete: “nomes são importantes, como quando ele se recusava a me chamar de Antoinette, e eu vi Antoinette flutuando para fora da janela com seus perfumes, suas belas roupas e seu espelho” (RHYS, 2012, p. 178).

Dessa maneira, como estratégia de outremização a partir da anulação de quem o sujeito era, Rochester se torna dono e proprietário de Antoinette, anula tudo o que ela era, a renomeia e a leva embora de seu lugar, cortando quaisquer raízes que ela pudesse ter com seu passado ou com quem ela era. Rochester se apresenta como o Outro que procurou apagar a história do outro e então afirma: “Eu também posso esperar — pelo dia em que ela não passará de uma lembrança a ser evitada, presa a sete chaves, e, como todas as lembranças, uma lenda. Ou uma mentira [...]” (RHYS, 2012, p. 171).

Após esses acontecimentos, Rochester decide que irá embora do lugar e que levará Antoinette com a ideia de afastá-la de tudo o que a torna a pessoa que ela é, então ele reflete: “Ela não vai mais rir sob o sol. Ela não vai mais se enfeitar e sorrir para si mesma naquele maldito espelho. Tão confiante, tão satisfeita” (RHYS, 2012, p. 164) e “[...] a minha doida. Ela é louca mas é *minha, minha*” (RHYS, 2012, p. 84). A descrição de Rochester em relação a Antoinette deixa claro a visão dela como objeto, disponível para ele fazer o que quisesse, pois ele detinha o poder dela.

Logo, ao caracterizá-la como louca, Rochester se apropria de uma das estratégias de outremização para justificar a maneira que trata Bertha, trancafiando-a no sótão e privando-a de ter contato com qualquer outra pessoa a

não ser sua cuidadora Grace. Dessa maneira, o colonizador justifica a colonização com o discurso de que o nativo é pobre, degenerado sexual, inferior, assim, degradando a cultura do colonizado e então impõe sua língua, cultura, crença e costumes.

A degradação da cultura do colonizado como estratégia de outremização, está presente no romance nas falas de Rochester a partir do momento que ele chegou à Granbois⁶ e sempre descrevia a casa de maneira depreciativa: “Era um lugar lindo — selvagem, intocado, principalmente intocado, com uma beleza estranha, perturbadora, secreta” (RHYS, 2012, p. 84). E mesmo ele sabendo que aquele era o lugar favorito da sua esposa pois ela tinha falado a ele: “Eu amo esse lugar mais do que qualquer outro no mundo. Como se ele fosse uma pessoa. Mais que uma pessoa” (RHYS, 2012, p. 85), ele a leva embora para nunca mais voltar: “Ela disse que amava esse lugar. Pois ela nunca mais irá vê-lo” (RHYS, 2012, p. 164).

Todas essas estratégias vistas no Romance *Vasto mar de sargaços*, denunciam, de certa maneira, a posição e a inferiorização que foram atribuídas à mulher através do discurso colonial a partir da dicotomia Outro/outro. As práticas de outremização pertinentes no romance mostra como a superioridade que fora imposta pelo discurso colonial inferioriza ainda mais a mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Vastos mar de sargaços* foi analisado sob a ótica pós-colonial com ênfase no caráter de outremização da protagonista. Sendo assim, este trabalho nos leva a perceber como o colonizador se apropria do discurso de degradação do colonizado para justificar seus atos de crueldade. Colocando-se em um lugar de superioridade em relação ao nativo, por se considerar superior devido à sua cultura, religião, língua e costumes serem diferentes daqueles povos. Pelo fato de se considerarem superiores, os colonizadores legitimam a exploração colonial e as invasões em outros territórios não apenas por meio do exercício da força, por meio de formações discursivas e ideológicas que naturalizam a hegemonia de uma sociedade sobre a outra sob uma perspectiva essencialista e determinista.

São notáveis no romance as práticas de outremização que o discurso metropolitano utiliza para depreciar a imagem do outro colonizado. Quando observadas, é possível notar que o nativo é posto em uma posição inferiorizada em relação ao europeu cristão civilizado para que possa justificar a invasão à terra dos nativos, assim como a subjugação e exploração destes; dessa maneira, o europeu impõe suas vontades, costumes e cultura sobre os colonizados. Ademais, torna-se nítido que as literaturas pós-coloniais tem o objetivo de desconstruir, como também, denunciar atos de dominação e outremização que são impostos aos povos colonizados.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

⁶ Uma pequena propriedade nas ilhas *Windward*, Jamaica, que é parte dos bens da família de Antoinette.

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H., eds. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. London: Routledge, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, T. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: EDUEM, 2012.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana, Orgs. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª Ed. Maringá: EDUEM – Editora da Universidade Federal de Maringá, 2009.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. São Paulo: Landmark, 2010.

BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes: edição comentada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CANDIDO, A. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro, 2006.

RHYS, Jean. **Vasto Mar de Sargaços**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

SAVORY, E. **The Cambridge introduction to Jean Rhys**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engles; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, S.; SOUZA, T. A sexualidade velada da mulher vitoriana: análise da obra literária *Carmilla*, de Le Fanu. **Periódicus**, Salvador, n.11, v. 1, mai-out. 2019.